

QUINTA-FEIRA
Lisboa--24 de Janeiro--1929

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **140**

fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

ALBERTO TOTA

O homem do dia, do ano, de sempre!



Atarefado com os multiples afazeres, mal teve tempo para fazer anos, na terça feira, o nosso querido amigo Alberto Tota, uma totalidade enorme de primores de coração e de inteligencia. «SEMPRE FIXE» sóbe a uma escada Magyrus para o abraçar, desejando que conte tantos anos mais, quantos milímetros mede a sua elevada estatura—fisica e moral



Os ditos da semana



Lobos no povoado

Que andam lobos no povoado? Deixa-os andar. Antes lobos do que gente.

Os lobos não enganam ninguém. Quando eles aparecem, já a gente sabe a que veem; não trazem nenhum disfarce, nem se fazem passar por boas pessoas, para depois nos levarem as barrigas das pernas.

Dos outros, dos lobos de chapéu de côco e gabardine é que é fugir, porque esses, se é certo que nos deixam as barrigas das pernas, levam-nos os olhos da cara.

Lobos tratam-se como lobos, e os outros, os do chapéu de côco, teem de ser tratados por excelencia e comem-nos as papas na cabeça.

Lobos, verdadeiros lobos, são os nossos semelhantes que nos exploram, que nos vendem serradura por café, e gesso por assucar, são aqueles que nos vestem tirando-nos a camisa; são aqueles que nos calçam deixando-nos descalços; são todos aqueles que se fazem nossos amigos para nos estaquearem, e esses, por mal dos nossos pecados, andam sempre no povoado.

E, por desgraça nossa, não trazem sinal.

Conta a fabula que uma ovelha sabichona tinha ensinado o filho a não abrir a porta do curral a pessoas estranhas, na previsão de que, na sua ausencia, o lobo podia ir bater-lhe ao ferrolho, se tivesse appetites dum cordeirinho tenro para o jantar. E então recomendava:

—A porta não se abre a ninguém senão a mim, que te mostrarei, pela frincha da porta, a minha patinha branca. Quando a não vires, porque uma ovelha também pode ter o seu esquecimento, tu pedes lá de dentro que t'a mostrem. E se vires uma patorra negra, já sabes que é o lobo; não abras. E assim salvava a boa ovelha a descendencia, d'ós lobos que desciam ao povoado.

Mas nós? Com que pretexto,



— Teu marido fuma?
— Só um cigarro depois de jantar.
— Oh! fuma muito menos do que eu.

com que cara ha-de a gente dizer ao nosso mercieiro, ao nosso alfaiate e ao nosso sapateiro:

—Mostra a patinha branca...

Andam lobos no povoado? Mas quando deixaram eles de andar?

Afganistão

O rei do Afganistão, depois de ter viajado a Europa, quiz europeisar o seu paiz. E tanto o europeisou que lá implantou o sistema revolucionario como forma de governo de cada um.

Os povos revoltaram-se e, tambem segundo o sistema europeu, o rei teve de fugir com a rainha Suria, que já não sorria perante a ideia de substituir a corôa de oiro de rainha por um chapéu de feltro.

Para evitar mais efusão de sangue, o rei Amanullah abdicou em seu irmão Inayatulá.

A scena passou-se do seguinte modo:

O rei fugiu de balão. No momento da aterrissage perguntou-lhe um dos aulicos:

—Vossa Magestade, é claro, não deixa de ser rei do Afgão...

E o rei respondeu pronunciando apenas o seu nome:

—A'-manu-lá.

Queria ele dizer que, se A'-manu-lá abdicava no mano.

Trabalharam os telegrafatos, comunicando a noticia ao novo rei e ao mundo inteiro. Inayatulá, logo que teve conhecimento do facto, meteu-se tambem num balão e foi á procura do irmão para lhe agradecer e certificar-se da verdade da noticia.

A entrevista foi curta, em lingua de trapos e uzando apenas os proprios nomes:

—Inay-a-tu-lá? perguntou o novo rei, querendo dizer na sua:

E não ha tu lá?

Ao que o ex-rei respondeu solenemente:

—Não. A'-manu-lá. Estava feita a abdicção.

A Panacea

O dr. Odin descobriu a cura da tuberculose, da sífilis e do cancro. O grande inventor conseguiu ultrapassar o ditado portuguez — matar dois

coelhos de uma cajadada. O dr. Odin, com uma caqueirada apenas, que é como quem diz, com uma pastilha ou com uma picada, mata tres doenças duma vez e meia, mata tres doenças e uma classe; mata a classe dos medicos, porque, tirando aquellas tres gravissimas enfermidades, que são o flagelo da humanidade, tudo mais se cura com chá de borragem e papas de linhaça. Quere dizer acabaram-se as doenças e as complicções, porque não haverá nada mais perigoso do que estar a gente doente e sobrevir-lhe um medico.

Solução Editora

A nova publicação «Solução Editora», cujo primeiro numero, graficamente perfeito, appareceu ha poucos dias, veiu resolver o problema da «sopa juliana» em literatura. A receita é simples. Agarra-se um documento velho, uns versos novissimos, um artigo sobre aviação e em outros condimentos, cose-se cada um em separado e, depois de tudo cosido, junta-se na mesma panela. Tapa-se com uma capa e serve-se aos leitores que a saboreiam com gosto.

Quem não gostar de algum dos condimentos põe-no de parte, com a mesma facilidade com que quem não gosta de feijão na «sopa juliana» o põe na beira do prato formado em linha de atiradores—e dizemos atiradores cá por coisas.

Mas, posto de parte o feijão e a laracha, cabe aqui dizer duas palavras a sério. A «Solução Editora» é realmente uma solução e uma boa solução. Resolve um problema que cada vez se torna mais difficil—arranjar um editor. Boa prosa, bom verso e boa apresentação.

Que tenha longa vida. Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

FUMEE SUNRIPE



— Então que foi isso, meu filho?
— Não foi nada. Apenas uma diferença de critério entre mim e tua esposa.

Dr. José de Figuelredo



Director do Museu de Arte Antiga, caixeiro viajante da arte nacional no estrangeiro, o mais sabio, o mais entendido em identificações de quadros perdidos, uma seca de Euler, descobridor de pintores que nunca existiram, pai de S. Vicente e madrastra de S. Catarina, do Infante Santo e de outros santos.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

NO PARAIZO... TEATRAL

UM dos grandes males de que enferma o nosso teatro é a indisciplina! Tanto a dos artistas como, infelizmente, a dos empregatarios! Ninguém sabe onde é o seu lugar, e ninguém sabe... porque não tem culpa! E' fruta do tempo! E' do seculo!

Ha 15 dias, num teatro do Porto, houve um incidente que tem sido em Lisboa o assunto de todas as conversas! Entre um empresario e duas actrizes — as ingenuas da companhia — houve uma scena deploravel. Melhor do que nós, fala um documento que o E. B. enviou á direcção do G. dos A. T. Esse documento tem andado, em cópia, de mão em mão. Tem sido avidamente lido! O E. B. enviou-o a todos os directores de jornais — menos ao do *Sempre Fixe* — e como nenhum o publicou, nós, pelo facto de não termos recebido, somos o unico jornal que o vai publicar. Mereca ser lido e apreciado. E' uma pagina que descreve bem a maneira como o teatro vive actualmente. Merece arquivo.

A questão não é connosco, nem o *Sempre Fixe* pretende tomar partidos. O que nos interessa é a falta de disciplina que houve. Como ela se deu — e com grande repercussão — estampamos a seguir o officio que o empresario E. B. enviou ao G. dos A. T.:

«Teatro Sá da Bandeira. — Porto, 14 de Janeiro de 1929. — Ex.ª Direcção do Gremio dos Artistas Teatraes. — Largo do Caldas — Lisboa. — Ex.ª Srs. — Junto envio a V. Ex.ª cópia de dois officios que ha dias enviéi ao Ex.ª Sr. Capitão Oscar de Freitas, Dig.ª Inspector Geral dos Teatros. Pelo seu conteúdo poderão V. Ex.ª ficar ao corrente de dois casos de indisciplina sem precedentes no Teatro. Laconicamente dizem esses officios o que podem dizer documentos subordinados á burocracia, obrigados a formulas protocolares e termos discretos. Para o criterio de V. Ex.ª, para o vosso espirito de batalhadores, para o vosso esforço pelo prestigio da classe a que me honro de pertencer, vai no entanto o protesto mais veemente e o apelo mais sincero e desinteressado que tenho feito á consciencia dos outros!

E' preciso — Meus Senhores; — que o caso de indisciplina que agora se den contra a minha Empresa tenha a repercussão que devem ter os actos que vexam uma classe inteira. Já não me refiro ao cumprimento de um contrato cujo julgamento depende da Inspeção Geral dos Teatros, a quem entreguei o caso. E' esse o lado material da questão. A que me quero aludir, Meus Senhores, é ao lado moral, á disciplina e ao respeito a que tem direito todos aqueles que mourejam a dentro dos bastidores, em igualdade de circunstancias com todas as classes trabalhadoras. A actriz Maria Sampalo — acaba de praticar um acto indigno, que cobre de vergonha toda uma classe. Sem atender ao respeito que devia a si propria, sem a menor consideração pelos seus camaradas, onde se contam nomes como o de Lucilla Simões, num desbragamento de linguagem desdobrado entre improperios, grosserias e palavras que a um homem custa pronunciar, a actriz Maria Sampalo realizou o prodigio de abrir um precedente em teatro: o de insulto aos seus superiores perante toda uma companhia! A covardia das suas atitudes — disfarçada atraz do seu sexo, atingiu o ultrage. Pois se até — Meus Senhores — a vida intima, particular das pessoas lhe serviu para valor da sua furia! E isto, Meus Senhores, em pleno palco! Em plena representação de uma peça! Eu não tenho palavras, Meus Senhores, para lhes significar até que ponto o ultrage nos vexou e feriu. A V. Ex.ª compete um rigoroso inquerito. Será o primeiro, mas é necessario. Com au-

disciplina na parte administrativa. Dizem que se vai dissolver... E' penal! Artistas, como a P. B., merecem bem ter trabalho! E' uma comediante que honra um país, pelo seu valor e pelo seu passado!

Onde estão os empregatarios da minha terra que a não contratam?

A MÃE da «Mãe Eva» faz hoje mais uma festa! Desta vez não mete lapide, nem comissão... Mas vai meter muito publico nas duas sessões, porque a E. S. o merece... quanto mais não seja por ter mostrado as lisboetas a maneira como lá fóra se põem em scena revistas e «feries»...

De alguma coisa serviu o ter fixado residencia entre nós...

Anuncia-se que vai passar para o T. da T... Cautela, não lhe caia o Carmo e a Trindade em cima... e não vá arrepender-se...

Quer um conselho: deixe-se estar onde está...

NOS anuncios dum teatro de Lisboa aparece em grossos caracteres:

«Chauffage em todo o teatro O melhor aquecido de Lisboa»

Afirmam-nos que o calor ainda não chegou á sala... e que talvez ande perdido pelos corredores!...

No palco, ainda ha dias ouvimos dizer a um actor:

— Dizem que ha *chauffagem*, mas eu só sinto *friagem*...

RECEBEU-SE num jornal diario de Lisboa uma carta — com letra pouco disfarçada — dum, calculamos que deva ser, autor dramático... Começa por dizer que é «espectador assíduo e intimo dos teatros de França, Italia e Espanha»...

Qual será o dramaturgo tão viajado?

E teria alguma vez viajado á custa dele?

Estas perguntas inocentes, que podiam ter resposta, não as devem ter... Temos vergonha...

O dramaturgo, que se esconde sob o nome de A. Gama, deve talvez ter «extraído» os seus originaes de peças estrangeiras...

Ele é tão viajado... não admira! Ficaram-lhe no ouvido... ou talvez na cova de algum dente...

OS herois são sempre vitimas... pelo menos do dever!... As criticas da farça «Herois do Mar» vieram todas precedidas dum grande *prologo*... *prologo* de critica ao que se disse no almoço dramático... Foi como que a sobrezeza do banquete...

Uma nota de reportagem desse repasto teatral:

«Não assistiu á comida, nenhum critico-dramaturgo, nem nenhum critico-tradutor»...

Porque seria? Talvez calculassem o que se iria passar... e, pelo sim, pelo não... faltaram... com motivo mais do que justificado!...

Este almoço continua a dar que falar... e ainda não está tudo dito...

O Homem das 5 horas

FUMES SUNRIPE

Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.



«A Mãe Eva... Stachino», a quem o publico lisboeta está farto de fazer festas, faz-nos hoje uma festa, no Variedades. E anuncia que, no final, fará os numeros do seu primitivo repertorio. E' caso para perguntar se tambem nos representará a scena da maçã...

toridade que me dá o meu passado de leal trabalhador de teatro, pelo meu nome, pelo de minha mulher, actriz Lucilla Simões, e pelo nome de todos os meus artistas, entregando nas mãos de V. Ex.ª a resolução deste caso, pedindo que, se formos nós, eu e minha mulher, actriz Lucilla Simões, culpados, nos deshonrem com a expulsão desse Gremio.

A gravidade do incidente pede a V. Ex.ª uma solução rapida, a que somos os primeiros a submeter-nos se nos vier atingir.

Com a maxima consideração e respeito, sou de V. Ex.ª, At. e Ven., (a) *Erico Braga.*

Como disse o nosso J. D.:
Uma mulher bonita a dizer insolencias é a coisa mais galante e mais delictosa que pode imaginar-se...

Agora, calculem os leitores o que será uma *ingenua* a dizer «grosserias e palavras que a um homem custa pronunciar»!

No officio dirigido ao I. G. dos T., o E. B. é mais claro — se é que se pode ser mais — e diz textualmente:

«A actriz M. S. incorreu numa falta gravissima de boa disciplina, injuriando em altos gritos a Empresa, proferindo palavras obscenas improprias duma senhora...»

E' necessario viver-se no ano de 1929 para se ver uma *ingenua* a proferir *obscenidades*!
 Se as *ingenuas* falam assim, o

que diriam amanhã as *damas-galãs*, as *damas-centrais* e as *caracteristicas*?

Quem tem a responsabilidade do que succedeu? A artista ou o empresario? Isso é com eles... A nós compete-nos, apenas, registar o incidente e lastimar — em nome dos artistas — o que se passou.

Acautelem-se os empregatarios e sirva de lição aos artistas o epilogo do caso — se é que ha justiça...

Nada justifica que se abandone uma companhia — em plena actuação — e muito menos que se traga para uma conversa sobre o abono dum vale, questões particulares e da vida intima dos empregatarios...

A crise teatral é grande, mas assim maior se torna, se não houver juizo de parte a parte...

SOBRE determinado éco da nossa ultima pagina, recebemos algumas cartas de aplauso, que nos abstemos de publicar. O sujeito em questão fica, no entanto, sabendo que é necessario ter mais cautela no que escreve, porque aqui estamos de atalaia...

COM desgosto anunciamos que está quasi desfeita a companhia P. B. A. A. Era um agrupamento de artistas onde havia um pouco de ordem nos trabalhos teatraes e um pouco de

Elevador da Gloria

Um cavalheiro distinto foi a uma festa da alta sociedade, onde lhe roubaram um magnifico guarda-chuva, de cabo de unicornio, encastado de ouro e cravejado de pedras preciosas.

No outro dia, dirigiu-se ao jornal mais importante da cidade, onde fez publicar o seguinte anuncio:

«Pede-se á pessoa que, por engano, levou ontem um guarda-chuva de cabo de unicornio, de casa do sr. conselheiro Antonio Sepulveda, onde ontem se realizou uma festa, a fineza de o entregar na Avenida Sousa Saraiva, 2, 2.º andar, até ás duas horas da tarde de hoje.»

Esperou três ou quatro dias e, vendo que ninguem lhe trazia o guarda-chuva, procurou o director do jornal:

— O seu jornal parece que não é lido! Fiz este anuncio ha quatro dias e apesar disso o meu guarda-chuva ainda não foi devolvido.

— E' que o senhor não sabe anunciar. Por mais cincoenta escudos arranhou-lhe um anuncio infalivel. Eu proprio o redigirei.

No outro dia, aparecia o seguinte anuncio:

«Numa festa de sociedade foi visto um cavalheiro distintissimo subtrair um guarda-chuva. Se o objecto não for devolvido até amanhã, ás duas horas da tarde, na Avenida Sousa Saraiva, 2, 2.º andar, o nome dessa pessoa será publicado neste mesmo lugar.»

No outro dia, o guarda-chuva era entregue.

— O reclamo é tudo nesta vida! — considera um norte-americano. — Até Deus faz o seu reclamo pela voz dos sinos. O reclamo valoriza o homem como valoriza a mercadoria.

Analizado o ovo de pata, ficou provado que é mais substancioso que o da galinha, além de ser maior. No entanto, o ovo de pata é vendido por preço inferior. Pouca gente o quer, preferindo o de galinha, menor e muitissimo mais caro.

Porquê?
Porque a pata põe os ovos e não faz alarde, ao passo que a galinha, quando os tem, canta e berra para todo o mundo saber.

Esta é de Mark Twain. Os seus amigos contavam historias fantasticas, onde havia monstros e casos verdadeiramente sensacionais.

Um deles perguntou-lhe:
— E tu, que tens viajado tanto, não tens nada que contar?

— Tenho esta: Trabalhava então como rachador, numa grande floresta da California. Quando quiz tomar café, aproximei-me dum enorme pau que estava caído e dei-lhe uma machadada. Imediatamente, do golpe, brotou café. Bebi, descansei e recomencei o trabalho.

Mark Twain ficou silencioso.
— Mas...
— ???
— O pau era realmente paul!



— Parece-me que vou deixar a litteratura e meter-me a negociar.
— Não penses nisso. Lembra-te que para o negocio é necessario ter «cabeça».

Os cinco inseparaveis

ou um equivooco lamentavel

Era certo. Todas as noites, o Antonio Silva, ou se reunia com quatro amigos em sua casa para jogar o «pocker», ou ia a casa de qualquer deles entreter-se.

Eram cinco amigos inseparaveis e toda a gente se admirava como nunca houvesse entre eles a mais pequena discussão.

Naquella noite, o encontro deveria realizar-se em casa do Silva, mas tendo um deles lançado a ideia de irem para o Parque Mayer divertir-se um pouco, todos se puzeram de acôrdo e, depois de serem esfolados com cinco «entradas» para passar a porta, foram para uma tombola jogar.

Compraram-se rifas sem conto, que saíram brancas. Mas, a certa altura, um deles — o Mendes, que tinha sorte ao jogo — recebeu das mãos do empresario da tombola uma caixa de charutos, premio que correspondia á rifa que comprara.

— Esta agora! — dizia ele. — Eu não fumo...

— Mas fumo eu — diz um.

— E eu também — diz outro.

— Não — diz o Mendes. — Eu dou a caixa de charutos áquele que melhor responder a esta pergunta: «O que é que sabe melhor depois de acordar?»

— Oh! Fumar dois cigarros e dormir em seguida — volve um dos cinco.

— Dormir imediatamente — diz outro.

— Não, senhor — diz um terceiro. — O melhor é tomar um bom calice de «Genebra»!

— Não sejas tolo! — diz o Silva. — O melhor, quanto a mim, é ter uma mulher ao lado e cumprir o dever.

— Bravo! — diz o Mendes. — Muito bem! Toma lá a caixa de charutos. E' assim mesmo. O melhor é ter uma mulher ao lado e cumprir o dever.

E o simpatico Silva levou a caixa para casa. Mas logo a mulher lhe perguntou:

— Para que compraste esta caixa de charutos?

— Não comprei. Deu-m'a o Mendes porque lhe respondi bem a uma pergunta que ele fez.

— Que pergunta foi? — Interrogou a mulher.

— Ora! O que era melhor de fazer depois de acordar.

— E tu que respondeste?

— Eu?! Respondi que o melhor, depois de acordar, era... era ir á missa, ir á igreja, como bom catolico, porque se limpa assim a alma dos pecados.

— Sim, senhor. Boa resposta. Fizes-te muito bem, meu filho!

Preparara-se a mesa para o «pocker» e os cinco amigos inseparaveis, depois dos cumprimentos indispensaveis ante Madame Silva, começaram jogando.

A certa altura, veiu á balla a caixa de charutos e logo um deles exclamou:

— Sim, senhor. Boa resposta, seu Silva. Seu maganão!

Outro:

— Sim, senhor! A resposta foi muito boa. Não ha duvida.

Então, ouviu-se Madame Silva dizer para eles, com um certo pezar:

— Parece-lhes que a resposta foi boa. Mas olhem que só três vezes na vida ele o fez. A primeira, no dia do nosso casamento; a segunda, no dia do baptisado do Antoninho... A terceira... no dia dos meus anos... e foi só entrada por saída!

Tableau!

Um Faria de fóra



Comendado Maximiano di Faria, consul geral honorario do Brazil, a bordo do Lloyd Brazileiro, ou o sabião de Coritiba, traduzido para gente di cá

Riso amarelo

The Times publica a noticia de que os doutores Laidlow e Dumkin acabam de pôr em pratica uma vacina descoberta para curar o mau génio. Já se fizeram experiencias em cães e, os mais irritaveis, passaram, após a vacina, a ser docets e mansos.

Em vista deste bom resultado, os inventores da vacina, que se pode chamar do «optimismo» tratam de fazê-la extensiva aos seres humanos, com o louvavel proposito de que desapareçam determinados maus humores.

Não diz a noticia quais são os determinados maus humores, mas supõe-se que entre as suas mais representativas encarnações estejam incluídas as sogras... e os criticos teatraes.

O anno Brusquet, bôbo do rei Francisco I, de França, tinha um livro chamado «Calendario dos doidos», no qual apontou Carlos V, da Alemanha, porque este, sendo rei de Espanha, se atrevera a atravessar o territorio francez para se dirigir a Gand.

Perguntou Francisco I ao seu bôbo a razão de classificar como doido o citado imperador.

— Porque é preciso estar doido — respondeu o bôbo — para se confiar a um reino que já atacou.

— E se eu o deixar passar? — disse o rei.

— Então — respondeu Brusquet — substituirei o nome do imperador pelo de Vossa Magestade...

Quando os ingleses, ás ordens de Nelson, atacavam a esquadra hispano franceza, o primeiro tenente do barco «Venganza», ao passar revista ás suas forças, observou que um marinheiro estava ajoelhado ao lado de um canhão e em attitude tão pouco usual num marinheiro que, surpreendido, lhe perguntou se tinha medo.

— Medo? — replicou o marinheiro — Não: rogava a Deus para que os tiros do inimigo se distribuíssem na proporção dos soldados — a maior parte para os officiaes...

Quando de determinado comicio politico, annunciou-se um discurso de certo vulto, e como este fosse dos que meditam o que hão de dizer e tem a amabilidade de fornecer o seu extracto aos jornalistas, aconteceu que estes se retiraram antes da realização do que, afinal... se não realizou por motivos imprevisitos.

E no dia seguinte, todos os jornais publicaram o que tinha dito o vulto... que não tinha dito nada...



— Minha mulher aborrece-me constantemente com pedidos de dinheiro. E a tua?

— A Minha não; mas quem me atormenta são as pessoas a quem ela compra as coisas.

FUME SUNRIPE

Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

BOM HUMOR

A mulher: — Que mania! Pões sempre o fraque para ir a todos os enterros!

O marido: — O que tem isso?

A mulher: — Tem muito! Quando morreres não tens nada para levar vestido...

* * *

Numa loja de louça:

A freguesa: — Tem pratos desirmados?

O calzeiro: — Tenho, mas são muito ordinários.

A freguesa: — Não faz mal! São para as discussões com meu marido...

* * *

Ela: — Durante quanto tempo gostaste da tua primeira mulher?

Ele: — Não sei... Tinha o relógio parado.

* * *

Ela: — Porque mandaste fazer uma casa tão grande para um cão tão pequenino?

Ele: — E' que estou desconfiado que ele é um «Serra da Estrela».

* * *

Em casa da avó:

— Mariasinha, passaste bem a noite?

— Não sei, avó. Passei o tempo a dormir...

* * *

O compadre: — O seu porco é de má qualidade. Nunca mais ergorda! Porque não chama o veterinário?

A comadre: — Não tenho confiança! Ele é tão magro!...

* * *

Na garage:

O cliente: — Você não arranjou o «escape» como devia. Continua a fazer zzz zzz zzz.

O mecanico: — Vou ver o que se pode fazer. Diga-me exactamente o que quer que ele diga...

Perú de barro

A Fabrica Ceramica Constancia, Limitada, da rua de S. Domingos, a Lapa, que nestas cousas e louças de azulejos artisticos e industriais é o que se chama duma constancia illimitada; como não podia mandar-nos um peru de carne e osso, levou a sua gentileza a ponto de nos enviar um em azulejo, com dedicatória amavel para o *Sempre Fixe*.

Vamos estimá-lo o mais possivel, tanto mais que o peru é *fixe* e pode estar seguro de que ninguem o come... porque é de barro...



— O quê? Quinze tostões um homem? Mas os jornais dizem que já baixaram.

— Isso não sei. Eu não leio jornais.

FUMES **SUNRIPE**

Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.

UM FENOMENO

E' o das paragens dos electricos, que nunca mais param.

Saltam dos candieiros para os postes, para as arvores, para os fios condutores da energia, como macacos á coca da banana.

E vai d'aí, um cidadão que deseja subir com o carro parado, se não tem meio de inventar uma paragem, nunca mais consegue descobrir onde elas param.

Então, de noite, é tentar positivamente o impossível.

Chega a ser paradoxal. O que a gente se farta de andar por causa de uma paragem!

Em avenidas e ruas arborizadas, pretendem descobrir uma paragem é o mesmo que procurar um canario numa floresta bastante virgem, onde a mão do homem não tenha ainda metido a unha.

Elas vão precisamente esconder-se por entre os ramos das arvores, no mais recondito das suas folhas, e nem com um holofote se consegue pô-las a vista em cima.

Noutros tempos (bons tempos, com voz grossa) ainda a gente sabia que em certos locais havia certas paragens, porque elas estavam quietas, sempre fixas nos mesmos sitios longos anos e pousavam sempre nos candieiros.

Mas, agora que adquiriram uma inconstancia perfeitamente feminina e nunca param em parte alguma, vá lá um desgraçado, numa noite de chuva, numa rua desconhecida e com a iluminação a meio pau (de fileira), saber qual teria sido o local e o poleiro escolhido por semelhantes aves de arribação.

Acresce que certas paragens, se-

guindo o preceito de que tudo deve crescer e multiplicar-se, se desdobram em duas.

Porque, antigamente, a paragem era a mesma para os carros que subiam ou que desciam; agora crearam-se as paragens que vigoram só dum lado, que do outro foram revogadas; paragens por assim dizer de uma banda só.

E, assim, quando ás vezes um pobre passageiro já ensoado julga ter descoberto, com um suspiro de alívio, a desejada paragem, tem a desillusão de constatar que o carro, afinal, daquela banda só lhe vai parar daí a 100 ou 200 metros, distancia mais que sufficiente para o perder, perdendo tambem a paciencia de esperar por outro.

Enquanto não se obrigarem, portanto, as paragens a residir num sitio certo ou a terem luz propria ou um sinaleiro privativo que as indique, parece-nos que para andarmos para traz e para deante, de nariz no ar, nesse jogo das escondidas, vale muito mais anda, a pé.

Ultimamente, e sempre numa ansia ascencional, vão empoleirar-se de preferencia nos fios transmissores da energia. E para se descobrir uma paragem é necessario em primeiro lugar descobrir um poste de electrico e sondar depois nas alturas os varios fios, para ver se em qualquer deles a paragem se enfiou.

Quer dizer, os electricos, hoje, são apenas para quem não sofre de miopia e de falta de paciencia ou tenha azar para lhes pousar em cima sem parar e sem necessidade de reparar orde param as varias paragens, que tambem nunca mais param.



As duas sentinelas

Numa rua de Lisboa, onde antigamente havia dois quartéis muito proximos, todas as noites era costume procarem-se entre as sentinelas os braços de A'lerta, ao que a outra respondia: *A'lerta está*.

A quebrar a monotonia desse costume militar, que era quasi como uma saudação, succedeu uma noite que a sentinela do 22 soltou o brado costumado—*A'lerta*—e, embora atentemente puzesse o ouvido á escuta, nada ouviu em resposta, e tão espantado ficou que foi comunicar o facto ao cabo da guarda, que, admirado tambem e não querendo arcar com responsabilidades, logo foi ter com o capitão, que por sua vez, espantado dá inverosimilhança do facto, o participou telefonicamente ao coronel, o qual respondeu que iria imediatamente dar uma solução ao assunto e saber a razão porque a sentinela do 36 tinha tido essa omissão tão grave. Telefonou imediatamente ao comandante do 36, que ficou boquiaberto com a noticia e prometeu dar uma rapida resolução, chamando para isso o soldado que estava de guarda.

O soldado appareceu, perfilou-se e fez humildemente a continencia. O comandante voltou-se para ele e, furioso, disparou:

— Porque é que não respondeste ao *alerta* da sentinela do 22?... Não sabes que é uma falta muito grave?...

— Saiba V. Ex.^a que eu estou de mal com a sentinela do 22 e ha muito tempo que não nos falamos na rua, razão porque eu não respondi...

José Saraiva



Comandante dos Bombeiros Voluntarios do Porto, o homem que depois de se bater com as chamas e com a morte, tem sempre uma razão de queixo

O principio dum brinde

A casa Braga, Bastos & Samuel, Limitada, agentes em Lisboa do vinho do Porto «Cálem», teve a gentileza de enviar-nos uns lindos calendarios deste ano de graça que corre — uns calendarios muito bem impressos, muito vistosos, com uma garrafa... vazia.

Por eles ficámos sabendo que a casa «Cálem» é uma loura creança que nasceu em 1859, com armazens em Gaja, na Regua e no Pinhão.

Mas pinhão... apanhámos nós, cá por coisas.

Recebemos os calendarios e... falámos. Bom será agora — que não se «Cálem»...



—Olha lá, é o teu avó ou a tua avó.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!

A MORTE DUM TRIBUNO

OU

O testamento de José Parreira

Tendo falecido para a tribuna, numa das ultimas assembleias gerais do Lisboa & Açores, o bucolico e sentimental poeta das assembleias mais ou menos gerais, nós que sempre fomos seus amigos e admiradores da sua eloquencia, dirigimo-nos a sua casa a fim de assistirmos ao enterro da sua oratoria.

Não havia por lá sinal de mortos. Nem um caixão. Apenas á porta o caixote do lixo esperava a carroça do dito.

Lá dentro, amaranhados, alguns papeis escritos á mão. Que seria?

Apanhamos os papeis.

Oh revelação suprema! Era o testamento do tribuno.

Para nos certificarmos da sua autenticidade, mandámos reconhecer a letra. Eram autenticos apontamentos para o testamento do bucolico homem de acções... mais ou menos boas.

Muito embora o leitor leve isto á conta de laracha, podemos garantir-lhe que se trata dum autentico escrito do sempre vivo amigo, mas falecido tribuno José Parreira, que em vida foi o maior pensador do seu tempo pela cabeça de Gustavo Le Bm, especie de filtro das ideias alheias, para uso das gazetas.

Na proxima assembleia geral do dia 26, um medium invocará o espirito de José Parreira, porque nem a assembleia funcionará com geito, nem os accionistas podem viver sem aquele aperitivo de Parreira.

Segue o testamento:

Deixo ao Sempre Fixe, em usufruto, como penhor das garras leoninas que me deu, o meu desvernizado apito, novo em folha, por nunca d'ele me ter servido, e com obrigações da «Sociedade Destruidora dos Ridiculos», por Francisco Valença, para os gastos com a lapiseira para o pintar á Pedro Bordalo Pinheiro, em propriedade...

Deixo ao sr. Alberto Graça, como saudosa memoria dos seus favores de prototipo simbolico da assembleia, o meu espelho grande, uma caixa de pó «Cazengo» e um provavel bilhete d'accionista a obter do Coliseu, que lhe permitirá a sua entrada a meio preço em lugares reservados.

Deixo ao meu amigo Arrependimento todas as inimizadas, arremetidas, improperios, desgostos, falsidades e proximos prejuizos que me foram dados como premio na batalha em que tomei parte nos campos de Não ha outra vida para os pobres accionistas.

Deixo os meus lapis, canetas e livros de apontamentos aos meus colegas jornalistas, de quem ás vezes me não fiz bem entendido.

Deixo o compte rendu analitico dos meus discursos aos miopes e de vista curta das terras d'além mar: Não te rales que eu já venho, A vida são dois dias e A gente não leva desta vida sendo alguma coisa que nos dão e o que se come.

Ao sr. dr. Bustorff Silva, por haver perdido o encarte proclamado das presidencias de assembleias ge-

rais, e como lembrança dos bons momentos que a sua forçosa oratoria cadastrada honrosamente me tem feito passar, deixo os bons esforços empregados para que as acções ordinarias, privilegiadas simples e compostas, cumulativas de dividendo recuperavel, etc., não viajassem até Antuerpia, por causa do mau regresso acontecido aos livros da escrita da Cabinda, e os quatro protestos dos grilos da sua maioria com a sorte conhecida.

Deixo o meu varapau de intelectual e o meu velho chapéu de cavaleiro andante aos que com tais objectos se importaram para a cobertura do capital accionista, gerido e fiscalizado por eles mesmos.

Deixo aos accionistas ausentes que não se fizeram representar, o seu zelo e interesse pelo conhecimento e fiscalização dos seus haveres só vistos da boa cama que lhe fizeram, lugar quente e proprio para apanhar um calor de estucha para o frio que tenham.

Deixo ao sr. Vitor dos Santos a tolerancia que desta vez leve para com os «tolerados», ausentes, das suas multiplicissimas e adivinhadas propostas a fazer pela direcção e dos dois e picos estatutos que propos aprovados, para de futuro baralhar a proveniencia dos directores que se-

jam uma coisa e tenham uma origem portuguesa.

Aos que me blasfemaram, investivaram e me vociferaram com ditos que não tiveram força para chegar ao céu da tribuna da sala, deixo o meu usado «Manual de Civilidade» e quaisquer outros livros, á escolha, da minha biblioteca, que eles antenderem.

Deixo ao sr. dr. Correia Guedes as suas belas theorias sobre direito contra direito e sem acções da liquidada Companhia Oriental de Fiação e Tecidos, para ele fazer imprimir e distribuir pela maioria essas mesmas concepções originaes de direito, para ela se recordar do que s. ex.ª não costuma lembrar-se por o seu direito começar antes do dos outros haver findado.

Deixo ao sr. Tamagnini Barbosa, tão falado pelos seus verdadeiros meritos de politico e homem publico, a coragem com que se dignou oferecer ao publico as intenções e propositos do grupo ao qual orientava proficientemente, fora da psicologia, dos traficantes sem a «poire» que o sr. Fausto de Figueiredo cortou.

Aos accionistas sem voto, que assistiram ás sessões, deixo o meu voto perdido na regularização do acesso ao exercicio do direito de voto, em

que o meu voto não teve meio de obter voto.

Aos minutos em que a unanimidade da assembleia me aplaudiu e me palmeou, como prova do meu eterno reconhecimento enquanto viver a minha memoria falada, deixo o desgosto do Tempo tambem ter sido mau com tempo e não se dignando permanecer entre nós e fugindo sempre por não ser deste Tempo e não ter nunca tempo por não ter havido bom Tempo.

Ao tempo ganhado e Faro em que as maiorias e minorias de assembleia gastaram em me aplaudir e me palmeiar, como prova do meu não passageiro reconhecimento, enquanto me não passar da memoria, deixo o desgosto de ao Tempo não lhe ter sido possivel, nem ter tido tempo para permanecer entre nós e ter fugido, certamente por não ser do seu tempo o que se fazia, nem nunca recuperar o tempo, nem pouco tempo deixar a quem não convinha ter tempo gasto e vigílias sem necessidade nunca de tempo que corria para alguém das sessões dar tempo ao Tempo.

Deixo ao sr. Azevedo e Silva, bom marinheiro, a minha bussola para juntar á sua, visto iniciar tambem a derrota no mar proceloso em que navegámos; e o papagaio que me foi oferecido por um mudo de antigas assembleias gerais.

Deixo ao sr. dr. Mauricio Costa, cuja boa fé e talento em principio não vi mas conheci depois, a minha inexperiencia para em futuras assembleias gerais acertar mais proveitosamente as palavras com as intenções.

Deixo ao sr. conselheiro Ernesto Schroeter o agradecimento das palavras amaveis que teceu ao meu estudo, citação de alguns conceitos por mim proferidos e o reconhecimento das qualidades que os outros me tiraram.

Deixo á Voz a falta de espaço com que ela lutou para a publicação dos considerandos das minhas moções após as duas completas reportagens que fez e depois de ter a assembleia perdido o interesse que interessava ao conhecimento publico na defeza legitima dos accionistas.

Deixo á Direcção a minha proposta de xenofobia, as bastas outras de defeza das suas percebíveis aspirações, as faltas de resposta a todas as minhas perguntas, mesmo áquelas feitas com seu unico interesse para os fins que me haviam convidado e a conta calada das despesas pagas para delas se não poder falar.

Ao Conselho Fiscal deixo a tradução, que faço, de dois preceitos agora muito em circulação no estrangeiro: — «Uma sociedade é um ovo do qual a gema é para os administradores, a clara para os empregados e a casca para os accionistas»; «Os accionistas são bestas, ás vezes leões, mas sempre carneiros».

Deixo á Publicidade a ventura de não ter visto o meu retrato 32 vezes ro mês, e a anteceder o meu trabalho os «brilhantes», «illustres», «insígne», «genial», «isto é que é ter talento», que jamais entraram na minha casa, felizmente.

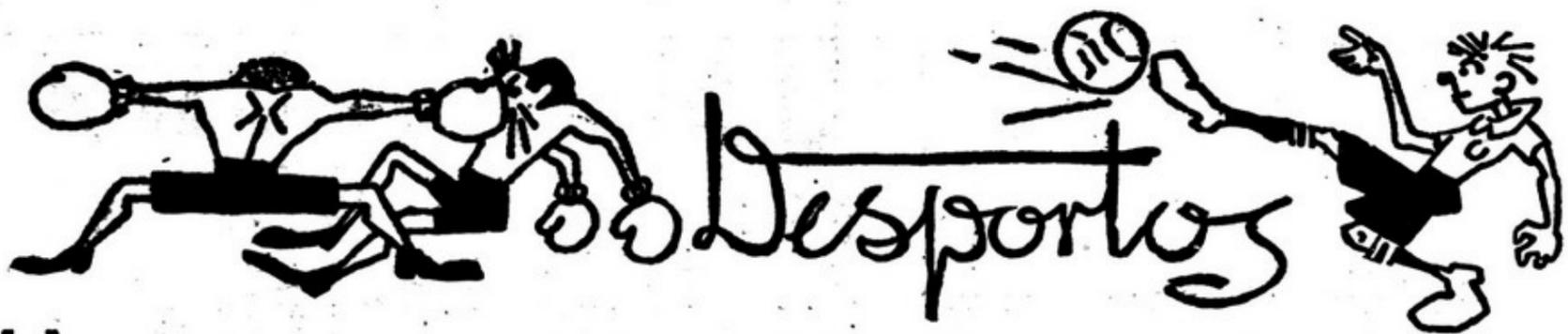
Assim peço, para se executar.

José Parreira.



—O patrão está todo zangado por o elevador estar escangalhado, mas é porque é miopo...

Cear alegremente só no Solar d'Alegria.



Uma caravana jornalístico-desportiva

Cantigas ao desafio

Para a final do místico *Torneio Espera Ah! Um Bocadoinho*, ficaram no domingo apurados o *Carcavelinhos* e o *Sporting*.

O *Sporting* meteu tantos goals no *Pelhadé* que nas críticas pormenorizadas até sobram goals para a página de anúncios.

Quanto ao *Carcavelinhos*, continua a demonstrar que se especializou nesta história de torneios a *deitar fóra*. *Deita fóra* neles com tanta limpeza que até parece o Luis Plácido, armado em Cyrano de Bergerac, a deitar cá para fóra revelações irreverentes capazes de estarrecer o mais prevenido...

* * *

Para comemorar o heroísmo do sábio sueco Malmgren que, durante a desportiva e dolorosa odisséia do dirigível italiano no Polo, preferiu morrer a constituir um fardo para os companheiros — o Governo dos Soviets vai dar o seu nome a um cume dos Montes Urais, de 3.500 metros de altura.

Pergunta-se: — o que será necessário fazer para ter direito a um cume de 4.000 metros?

* * *

Por iniciativa de Norberto de Araújo, vai constituir-se uma caravana jornalístico-desportiva, que se propõe ir a pé a Sevilha, para assistir á abertura da Exposição e ao desafio Portugal-Espanha.

Irão a pé — ou de maca... — e voltarão de aeroplano. E' originalíssimo, dado o habito de ir de avião e voltar a pé... ou de maca...

A iniciativa terá imitadores. Um grupo chefiado por Antonio Soares vai a nado.

O Antonio Bóto vai de gatas.
O dr. Pontes vai num discurso.
E o publico em geral vai num balaõ.

* * *

O nosso colega Gutierrez de Ma-



— Que fazes tu aí?
— Oh, filha, estou a ver se me tratas tão bem como o cão.

Um director :

A frase «manque à gagner»,
aquela que a inventou,
na primeira vez que a disse,
p'la certa que não pagou

Um despetado :

Já chorou por não ter cama;
tem automoveis e massa...
E' um jogador de fama,
dos que não jogam de graça...

Um arbitro :

Eu quero que o meu caixão
tenha um feitio bem exquisito:
o feitio dum off-side,
ou a forma dum apito!

Outro director :

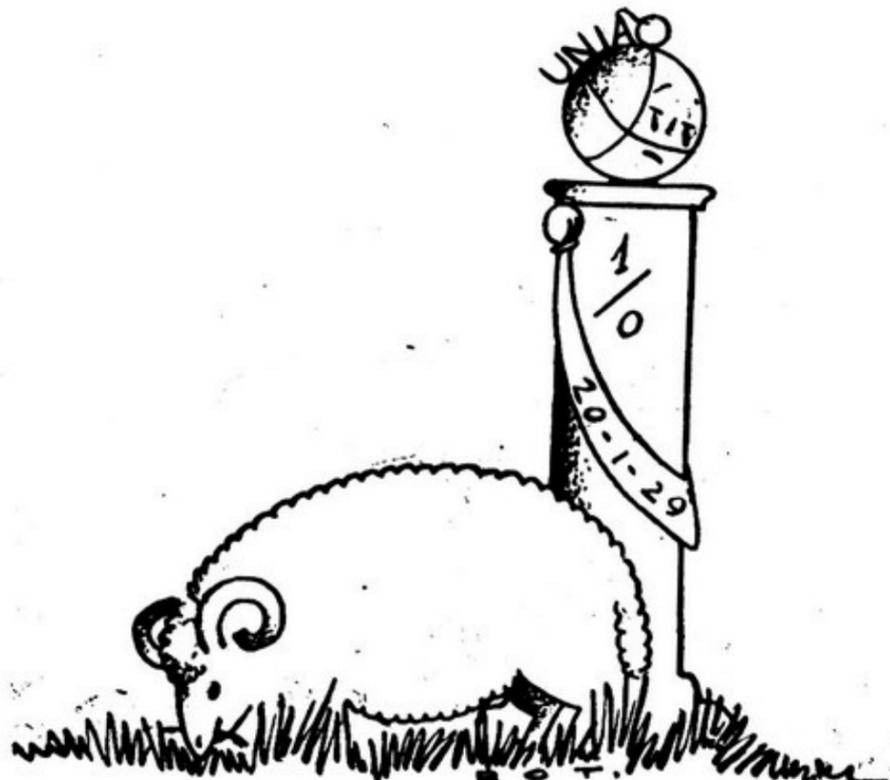
Sábios! Puxai p'la mente!
Dizei-me: — Por que laracha,
um pontapé na borracha,
nas algibeiras se sente?

Um jogador :

Que eu recebo algum dinheiro
diz alguém, com azedume.
Não me importam as más linguas.
Deixa-os falar! E' ciúme...

ZÉ MARIA.

CARNEIRICES



Consta que o União já tem um novo carneiro a pastar o campo. Se assim é, temos victoria certa no proximo União-Carcavelinhos

dríd descreve, como segue, um desafio hispano-americano:

«Ante-ontem á noite realizou-se o encontro de foot-ball entre as equipas do San Argentino de Buenos Ayres e do De Espanha Venho Foot-ball Club.

«A' entrada dos grupos, enorme ovação. Os capitães trocam ramos de flôres e abraços — e os 22 jogadores cantam em cântico *Y todo a media luz*, com bastante afinação.

«Começa o jogo e o deanteiro centro argentino atíça um bonito pontapé que neutraliza a defesa espanhola, pateando-lhe o abdómen dum modo precioso.

«O desafio anima, e vemos um alarde de jogo do ponta direita argentino que, com três sócos no fígado e quatro rasteiras, consegue forçar a linha média inimiga e morder a epiglote ao guarda-réde. Grande ovação.

«Comtudo, os visitantes não conseguem fazer goal porque os deanteiros espanhóis largam grandes coices hispano-americanos dirigidos aos fígados dos adversarios, conseguindo matar dois. A emoção é indescritível.

«No segundo tempo, os hospedes, á força de mordedelas nas espinhas da linha deanteira, metem um goal.

«O empate consegue-o Lopez, o deanteiro internacional, que introduz o esférico nas rédes contrarias, enquanto o interior esquerdo entretém o keeper, dando-lhe patadas nos olhos com grande precisão. E' uma jogada muito vistosa.

«A partir deste momento, o jogo torna-se um pouquinho duro e os contendores puxam por navalhas e machados. Mas o resultado não se altera, porque o arbitro apita o final — ficando seis argentinos e quatro espanhóis para o arraste.

«Ao terminar o desafio, deram-se vivas á mãe-patria e a Cristovam Colombo.»

Rebola-A-Boia.



— Tem roupa velha, minha senhora?
— Sim, senhor, infelizmente, e vestida...

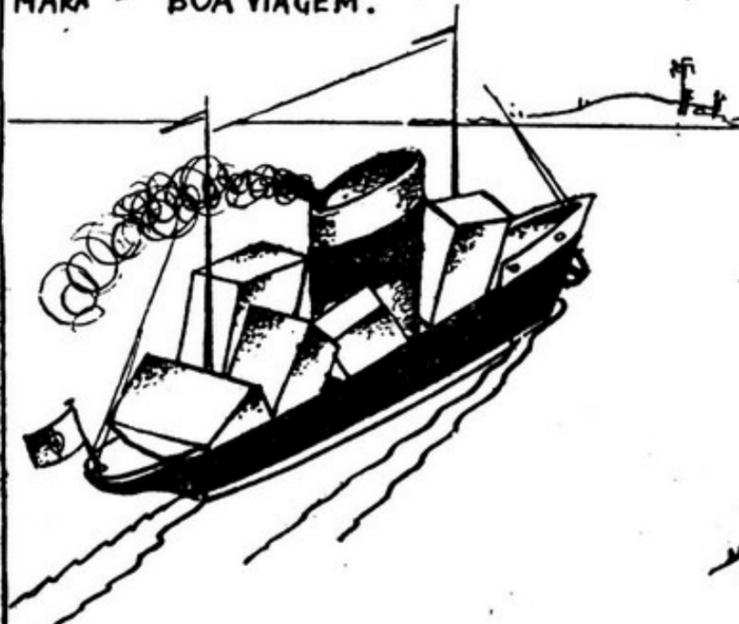
Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.

ECO DA SEMANA

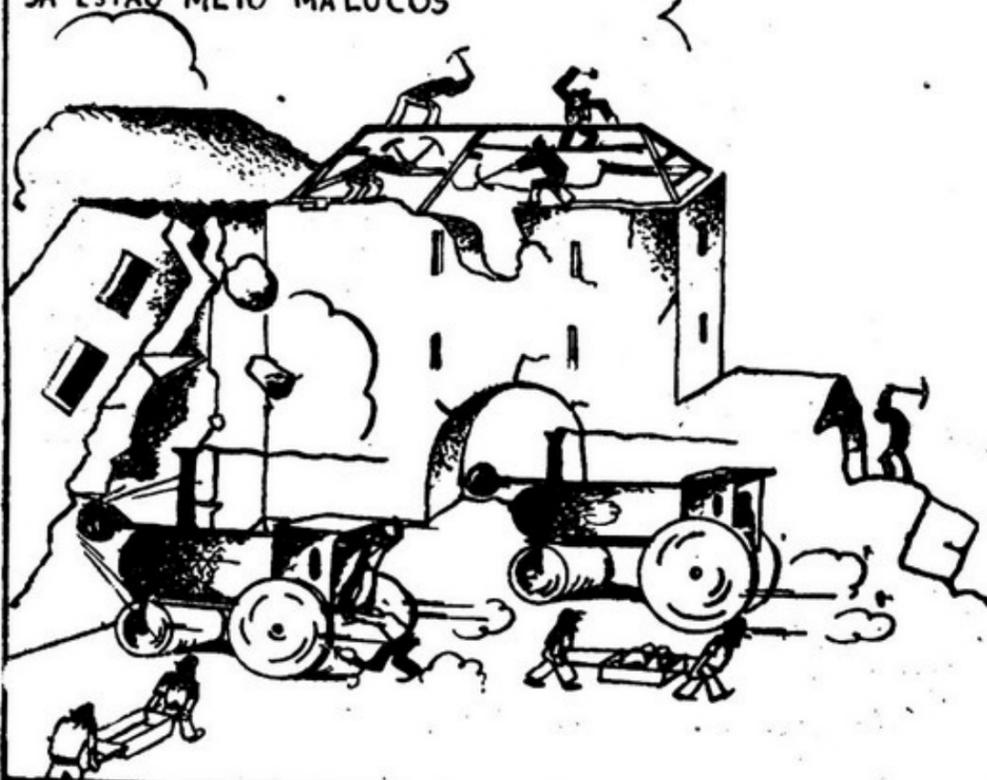
AH! AH! AH! AQUELES ESTUDANTES DA POLITECNICA SEMPRE TEEEM UMAS BRINCADEIRAS MUITO ENGRAÇADAS, AH! AH!
AH! AH! AH! SE NÃO HA POR LA' MAIS ORIGINALIDADE... MAU PRONUNCIO



PARTIU PARA HEIN! GOLA COM UMA GRANDE BAGAGEM DE ESPERANCA O SNR. FI-LO MENO DA CAMARA - BOA VIAGEM.



A CAMARA VAI DEITAR ABAIXO UMA GRANDE PORCAO DE LISBOA PÓDRE - DEVIDO A'S EXPROPRIAÇÕES A FAZER OS EXPROPRIADOS JA' ESTAO MEIO MALUCOS



POR ISTO, UMA JAULA E' QUE DEVERIA SER A RESIDENCIA DOS ESTUDANTES



DENTRO VEEM-SE FUTUROS DIRIGENTES DA NAÇÃO, QUE USAM UNAS MASCOTES, DE MUITO BOM GOSTO, COSIDAS NAS SUAS CAPAS.

DE LISBOA A SEVILHA A PE - CONSTA QUE O VAI FAZER UM GRUPO DE JORNALISTAS - NA REDACÇÃO DO 'FIXE' ACEITAM-SE MADRINHAS E BOTAS PARA ESTES HEROICOS PEDES DO PROGRESSO



O QUE OS SERÓDIOS QUERIAM, AO MENOS, ERA VEREM O SEU PALACIO MUDADO, MUITO INTEIRINHO, PARA QUALQUER LADO..

